2.

MAIO · 2017

Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!

FREI FRANCISCO DE S. LUÍS: ACADÉMICO E FILÓLOGO

FREI FRANCISCO DE S. LUÍS: SCHOLAR AND PHILOLOGIST

Notícia crítica sobre a atividade de filólogo e académico do Cardeal Saraiva. Enumeram-se, de modo abrangente, os títulos de reflexão e pesquisa metalinguística. Valorizam-se os trabalhos inovadores de lexicografia sinonímica e de estrangeirismos, que tiveram repercutida influência na lexicografia subsequente e oferecem ainda hoje uma leitura agradável e auferível.

Short article about the activity of Cardeal Saraiva, philologist and academician. Lists comprehensively, the titles of reflection and research on linguistics studies. Enhance the innovative work on lexicography of synonimous and foreign words. This work had much influence on subsequent lexicography and offers today a pleasant and fruitful reading.

SARAIVA (CARDEAL),
LEXICOGRAFIA PORTUGUESA,
HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

SARAIVA (CARDINAL),
PORTUGUESE LEXICOGRAPHY,
HISTORY OF THE PORTUGUESE LANGUAGE

TELMO VERDELHO

1.

Um povo que não respeita a memória, não tem rumo para o futuro, dizia um político famoso e, nesse sentido, poderemos acrescentar que uma comunidade que não celebra e não cultiva a herança e a solidariedade dos seus antepassados, não entende o seu lugar na História, e sobretudo, não merece a alegria de esperar um futuro gratificante para os seus filhos.

Aqui, em Ponte de Lima, com grato regozijo assinalamos os 250 anos do nascimento (26.1.1766) de Frei Francisco de S. Luís, um limiano notável, que ilustrou o universo cultural e político português, pela sua inteligência cintilante, pela humanidade generosa e pelo trabalho diligente de investigador e polígrafo, com repercutida lição na História e na Filologia.

Frei Francisco de S. Luís inscreve, em várias passagens da sua obra, o testemunho de fidelidade à sua referência nativa, valoriza, nos textos de temática histórica, as emergências que se localizam no Minho e particularmente no espaço limiano e, ao modo muito tradicional dos autores humanistas, quando por vezes ocorre o nome da sua terra, acrescenta a nota pessoal "minha pátria". Sem preocupação duma contagem exaustiva, vem citada, nas suas *Obras Completas* (1872-1883), a expressão "Ponte do Lima, minha pátria", entre outras, nas seguintes ocorrências: vols. II 89, VI 332 e 375, IX 61.

> ***(...) uma comunidade que não celebra e não cultiva a herança e a solidariedade dos seus antepassados, não entende o seu lugar na História (...)***

2.

Relembramos, em breve síntese, o percurso biográfico do ilustre limiano. Foi batizado com o nome de Manuel Justiniano Saraiva. Recebeu em Ponte do Lima a instrução das primeiras letras. Ele próprio dá testemunho dessa vivência que certamente o marcou, como boa lembrança, para toda a vida. Encontra-se essa notícia autobiográfica no sexto volume das suas *Obras*, e na *Memória Histórica* publicada por António Caminha e Meneses, marquês de Resende, em 1864. De modo particularmente tocante, evoca, entre uma galeria de "artistas portugueses", especialistas na "arte de escrever", o mestre Tomás da Silva Campos, com reminiscência afetuosa e pormenorizada:

"Era professor de primeiras letras na Villa de Ponte do Lima, minha pátria; e eu, de quasi cinco annos de idade, comecei e continuei a frequentar a sua escola, pelos annos de 1771, aprendendo a ler, escrever, e contar, e o cathecismo pelo compendio de Montpellier. O mestre era respeitável, e mantinha na sua escola ordem, sizudeza, e cuidado no estudo. A sua escriptura era do gosto puramente Portuguez do nosso Andrade, a quem imitava no caracter da letra, e nos ornamentos de

cetras, aves, e flores, desenhadas a rasgos de penna. Muitos annos depois, sendo eu já religioso, e o meu mestre fallecido, tive na minha mão hum grosso livro em folha, em que se continhão muitos traslados feitos na mesma letra, letras debuxadas á penna, preceitos de bem escrever, princípios de arithmetica, etc, etc, tudo escripto pelo mesmo professor, durante o seu magistério. Possuía esta obra hum seu sobrinho. Faço gosto de recommendar aqui a memoria deste excellente professor, e de pagar este tributo de gratidão ao ensino que me deo." (***Obras*, vol. VI, p. 332-333**)

Aos 14 anos foi admitido no postulantado beneditino do Mosteiro de S. Martinho de Tibães (1780.04.06), alterando o seu nome para *Francisco de São Luís Saraiva*. Aqui, dois anos mais tarde, professou solenemente os votos religiosos (1782.01.27). Passou logo em seguida ao Mosteiro de Santo André de Rendufe, em Amares, e depois ao de Nossa Senhora da Estrela, em Lisboa, para os estudos de Filosofia. Matriculou-se na Universidade de Coimbra para a formação em Teologia, em 27.10.1785; recebeu o grau de Bacharel em 18.06.1789 e concluiu o percurso escolar, com o título de Doutor, em 31.7.1791.
Entretanto, em 1789, ano de muita história,[1] fora ordenado presbítero e, a partir de 1792, preencheu, na Universidade de Coimbra, uma estudiosa carreira de professor, que se prolongaria durante as primeiras décadas do século XIX.

[1] RELEMBRA-SE, É O ANO DA REVOLUÇÃO FRANCESA, QUE FOI PRUDENTE E GENEROSAMENTE VIVIDA POR FREI FRANCISCO; EM 1789 OCORREU A INCONFIDÊNCIA MINEIRA (BRASIL) E A PRISÃO DO TIRADENTES E DETOMÁS ANTÓNIO GONZAGA; POR SUA VEZ, ANTÓNIO DE MORAIS SILVA, NATURAL DO RIO DE JANEIRO, PUBLICA EM LISBOA O DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, O PRIMEIRO DICIONÁRIO MODERNO E O MAIS INFLUENTE NA HISTÓRIA DA LEXICOGRAFIA PORTUGUESA E, SEM DÚVIDA, UMA REFERÊNCIA DECISIVA NA PRODUÇÃO FILOLÓGICA DO NOSSO AUTOR. CF. OBRAS, VOL. IX, P. 283, *REFLEXÕES CRITICAS SOBRE O DICCIONARIO DE MORAES DA QUARTA EDIÇÃO E SOBRE O USO DE ALGUNS VOCÁBULOS DA LINGUA PORTUGUEZA.*

3.

Desde 1792, Frei Francisco de S. Luís tornara-se notado, como estudioso, investigador e ensaísta, nos domínios da história e da filologia. Na progrediente idade dos seus 30 anos, foi eleito sócio correspondente da Academia Real das Ciências (Sessão de 10.10.1796), e sócio efetivo, na secção de Belas Letras, em 6 de maio de 1820.
As solicitações da Academia, motivadas por frequentes e numerosos concursos de questionamento metalinguístico, deram azo a uma operosa produção filológica.
Enquanto académico, desenvolveu uma fecunda e verdadeiramente beneditina atividade em programas de extensão científica, no âmbito das humanidades, e especialmente na leitura e pesquisa de fontes históricas e metalinguísticas. Além deste desempenho criativo e de acumulação de saberes, prestou à Academia um precioso socorro institucional. Sendo Ministro do Reino, providenciou para que ela fosse dotada de Estatutos e de uma sede condigna. Para esse efeito, na sequência da extinção das ordens religiosas, destinou-lhe o Convento de Jesus, enriquecido com o legado museológico do erudito franciscano José de Jesus Maria Maine (1723-1792). Com este valimento, Frei Francisco de S. Luís mereceu o título de "restaurador da Academia" (Forjaz, 1966, p. 99). Ele próprio dá testemunho desta meritória diligência e da correspondente distinção, nos apontamentos autobiográficos:

"... Sendo ministro e secretario d'estado dos negocios do reino propuz á rainha, e expedi a approvação dos estatutos por decreto de 15 de outubro de 1834.
... Igualmente expedi o decreto de 27 de outubro, concedendo á academia o convento de Jesus, e a administração do museu, gabinete e livraria do padre Mayne e do mesmo convento; não sendo por isso nimiamente exagerada a denominação que então me davam de restaurador da academia" **(Ribeiro, 1889, vol 16, p. 133-134)**

Para além das memórias e ensaios que leu em muitas sessões, ao longo dos cerca de cinquenta anos de sócio, assegurou efetivamente as condições da sua proficiente sobrevivência. A Academia não tinha sede própria. Desde a sua fundação (1779) percorrera já seis moradas diferentes, numa instabilidade que afetava seriamente o seu normal funcionamento e até a sua subsistência.
Na diligente e fecunda carreira da sua vida, longa de quase oitenta anos, acumula-se um preenchido e aplicado "cursus laborum" (de que resultou, em proveito dos que tiveram e vão tendo o privilégo de o ler, a frutuosa herança de dez volumes de escrita, cultivada e profícua), e um ornamentado e prestigioso "cursus honorum" com muitas nomeações e títulos que distinguem Frei Francisco como figura proeminente na galeria da história portuguesa da primeira metade do século XIX.
Foi sobretudo a partir da revolução liberal que ele se tornou uma das figuras mais salientes e influentes, na cultura e na vida política portuguesa. É impressionante o elenco de títulos e funções que lhe foram sendo atribuídos. Citamos da notícia necrológica, escrita pelo confrade académico João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, que se encontra nas páginas introdutórias do primeiro tomo das *Obras completas* (adaptamos a apresentação do texto citado, para mais evidente perceção da ilustrada sequência):

"... sem jamais pedir nem pretender, foi ele successivamente dentro do espaço de vinte e um anos: [1820-1841]
– Membro do Governo Provisório;
– Coadjutor do Bispado de Coimbra e
– Reformador Reitor da Universidade;
– Bispo sagrado da mesma Diocese, Conde de Arganil;
– Deputado e Presidente das Cortes, por três vezes;
– Guarda Mór do Arquivo da Torre do Tombo;
– Ministro de Estado;
– Par do Reino;
– Grão Cruz da Ordem de Christo;
– Patriarca de Lisboa;
– Cardeal da Santa Igreja Romana;
– Conselheiro de Estado efectivo."
(*Obras*, vol. I, p. XIX)

4.

Frei Francisco de S. Luís deixou à data do seu falecimento (7.5.1845) um espólio manuscrito muito abundante que, ao que parece, suscita, ainda hoje, algumas incertezas filológicas. Uma parte importante da obra foi compilada em dez volumes, pelo Doutor António Correia Caldeira, parente e herdeiro do seu

património manuscrito. Os dez volumes ou tomos, foram publicados pela Imprensa Nacional entre 1872 e 1883, com o exergo de *Obras completas*, que poderá não ser exato, no que respeita à "completude". O primeiro tomo abre com uma introdução do Marquês de Resende e uma notícia necrológica do académico João da Cunha Neves e Carvalho Portugal. O Marquês de Resende tinha já publicado, alguns anos antes (1864), uma interessante *Memória Histórica*, de caráter autobiográfico, tirada dos escritos de Frei Francisco e acompanhada de "notas e peças justificativas". Trata-se duma notícia essencial, não só sobre a vida e atividade pública do nosso autor, mas também sobre o acervo da sua abundante poligrafia. Podemos supor que Frei Francisco de S. Luís – Cardeal Saraiva escreveu muitos mais volumes que nunca chegaram, ou ainda não chegaram, à letra de forma. Nota-se sobretudo uma inesperada ausência no que respeita à oratória sagrada e à epistolografia. Sabemos que o ilustre mestre e académico beneditino proferiu numerosos sermões, na capela da Universidade de Coimbra e em outros púlpitos, e escreveu muitas cartas. Gostaríamos de ter hoje o privilégio de podermos ler pelo menos alguns desses textos.
Neste breve excurso, consideraremos apenas os dez volumes das *Obras* ditas *Completas*.

5.

A parte mais ampla dos seus escritos, e que tem sido geralmente mais apreciada, é dedicada aos estudos de cronologia e de história em geral, mas um aspeto não menor, nem menos interessante do seu perfil intelectual, é a vocação filológica, entendendo a Filologia no sentido da antiguidade clássica, como a "sabedoria da palavra", instituidora de todas as ciências, via da memória e da transcendência. A Filologia é o estudo da língua, com predominante opção pela língua escrita, na conformação gramatical e sobretudo, na sua virtualidade literária e patrimonial. É a língua escrita que redimensiona o tempo e o mistério da comunicação, dá voz à história, e aproxima os humanos da imortalidade. É neste sentido que é representada na grande alegoria do *Casamento da Filologia com Mercúrio*, uma espécie de aliança entre a terra e o céu, imaginada há cerca de 1600 anos por Marciano Capela.[2] Numa solene cerimónia, integram-se no cortejo nupcial da Filologia as sete artes liberais que repartem o saber enciclopédico e que deverão enquadrar de modo mais ou menos sistemático, o percurso escolar da nossa civilização. O *quadrivium* inclui as ciências do número (aritmética, astronomia, geometria e música); o *trivium* reúne as ciências da palavra (gramática, retórica e dialética). É sobretudo o trio das "artes sermocinales" que dá corpo à tradição filológica e que é assumida como referência matricial do saber humanista e da civilização comunicacional que determina a história

[2] MARTIANUS MINNEUS FELIX CAPELLA (FL. 410 - 420), *DE NUPTIIS PHILOLOGIAE ET MERCURII*. ESTA OBRA TEVE UMA PRIMEIRA EDIÇÃO HUMANISTA EM 1532, NA OFICINA DE HENRIQUE PEDRO, EM BASILEIA, COM A SEGUINTE PÁGINA DE ROSTO: *MARTIANI MINEI CAPELLAE DE NUPTIIS PHILOLOGIAE ET MERCURII, LIBRI 2. AD HAEC DE SEPTEM ARTIBUS LIBERALIBUS LIBRI EIUSDEM SINGULI, UTPOTE DE GRAMMATICA, LIBER TERTIUS. DIALECTICA, QUARTUS. RHETORICA, QUINTUS. GAEOMETRIA, SEXTUS. ARITHMETICA, SEPTIMUS. ASTRONOMIA, OCTAVUS. MUSICA, NONUS.* ACCURATE AD UETERUM EXEMPLARIORUM FIDEM À MENDIS, QUIBUS SCATEBANT, UINDICATI, OMNIBUSQUE IDEO HARUM ARTIUM STUDIOSO, NON MINUS NECESSARII QUAM UTILES. BASILEAE. EXCUDEBAT HENRICUS PETRUS, MENSE MARTIO, ANNO M.D. XXXII.

do Ocidente. A língua foi o primeiro objeto da ciência e o primeiro saber da iniciação escolar.

A ciência e o amor da língua, ou talvez mesmo, a obsessão da língua, encontram-se presentes em toda a obra de Frei Francisco de S. Luís. A sua reputação como filólogo foi todavia desproporcionadamente prejudicada pela tese insubsistente que se refere às origens das "línguas vulgares de Espanha" e particularmente à origem da língua portuguesa. Foi exposta em dois ensaios breves, certamente muito ousados e feitos com emocionada veemência retórica, com mais coração do que razão, em resposta a uma provocadora questão levantada pela Academia das Ciências.

O primeiro com o título: *Nota sobre as línguas vulgares da Espanha: mostra-se analiticamente que estas línguas não nasceram da corrupção do latim, nem da sua mistura com os idiomas dos povos bárbaros, que no século V invadiram as Espanhas*. Manteve-se inédito até à publicação póstuma nas *Obras Completas*, (tomo IX, 1880, p. 209-283). Convém acrescentar que o manuscrito em que foi transmitido, vem datado de Dezembro de 1828.[3]

O segundo ensaio retoma o primeiro, com mais documentação e força de argumentos, e com um título mais particularizado: *Memoria em que se pretende mostrar que a língua portugueza não he filha da latina, nem esta foi em tempo algum a língua vulgar dos lusitanos*. Foi publicado pela primeira vez em 1837, nas *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, (t. XII, parte I; retomada, no tomo IX das *Obras*, p. 163-208).

O enunciado, que era obviamente provocador, mobilizou o universo literário e científico português, na primeira metade do século XIX. Frei Francisco não foi cavaleiro só, nesta contenda de erudição e de especulação histórico-linguística. Salientou-se ele, como a figura mais notória pela sua envergadura intelectual e pelo justificado prestígio de grande estudioso, mas foi precedido, na sua inconseguida hipótese, por Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, por António Ribeiro dos Santos, por João Pedro Ribeiro, o mais celebrado paleógrafo e diplomatista português; e, até Almeida Garrett, provavelmente impressionado pelo peso argumentativo da *Memória* do então já indigitado Cardeal Saraiva, receava tomar partido pela origem latina ou pré-latina da língua portuguesa.

Almeida Garrett, um autor de tão cintilante lucidez, não escondia as suas dúvidas e perplexidades, em 1844, numa carta em que respondia «aos autores do opúsculo *Acerca da Origem da Língua Portuguesa*, composto e dedicado ao Exm.º Sr. Conselheiro J. B. de Almeida Garrett, por dois sócios do Conservatório Real de Lisboa». Sem esclarecer claramente a sua opinião, optava, na conclusão da sua carta, por uma perspetiva um tanto salomónica, de modo a não desagradar aos seus dedicados interlocutores:

[3] FREI FRANCISCO DE S. LUÍS, ENTÃO JÁ BISPO DE COIMBRA E CONDE DE ARGANIL, ENCONTRAVA-SE EXILADO NO MOSTEIRO DA SERRA DE OSSA, DOS EREMITAS DE S. PAULO, NO ALTO ALENTEJO, ENTRE EXTREMOZ E O REDONDO. ANTES DO EXÍLIO, PARTICIPOU NUMA SESSÃO DA ACADEMIA, EM QUE TERÁ SIDO SUSCITADO ESTE TEMA.

"Tal é meus senhores, a opinião que eu tenho em geral sobre este tão controverso ponto da nossa questão : opinião que vai, como todas as minhas, por meio dos batalhões disputantes, sem agradar a nenhum, e havida por inimiga de todos. Não o é, a coitada, eu lho asseguro; mas quer talvez o impossível, que é congraçar opiniões inimigas" **(Garrett, 1966, vol. I, p. 517)**

Nesse opúculo anónimo (atribuído a Francisco Martins de Andrade e a João Nepomuceno de Seixas), e ainda num outro, com o título *A Lingua Portugueza he filha da Latina, ou Refutação da Memoria em que o Sr. Patriarcha eleito, D.Francisco de S. Luiz, nega esta filiação*, publicado em Lisboa, em 1843, igualmente sem declaração de autoria (foi atribuído a Francisco António de Campos, barão de Vila Nova de Foz Coa), sobejamente se demonstrava o desacerto da tese anti-latinista.

Todo o equacionamento desta questão invocou, nos seus fundamentos, a teorização linguística iniciada pela *Grammaire générale et raisonnée: contenant les fondements de l'art de parler*, conhecida por Gramática de Port Royal, e publicada por Antoine Arnauld e Claude Lancelot em 1660 (Paris, P. le Petit). Chegou tarde a Portugal e foi cultivada entre nós sob a designação de "Gramática Filosófica". É uma boa doutrina, que foi modernamente retomada pela linguística cartesiana e pela teoria dos universais. Faltou, todavia, aos filólogos portugueses do fim do século XVIII e da primeira metade do século XIX, o conhecimento da "Gramática Comparada", com a descoberta do indo-europeu, e das leis fonéticas que permitem compreender, pelo menos em parte, os processos da dinâmica evolutiva das línguas. Frei Francisco de S. Luís já não pode ler certamente a obra de Friedrich Christian Diez (1794-1876), *Grammatik der romanischen Sprachen*, publicada em Bona, em 3 volumes (1836, 1837, 1844) e depois várias vezes reeditada ainda no século XIX.[4]

6.

Este equívoco da filologia portuguesa não merece aqui mais discurso. Foi já exumado e dilucidado por investigadores do nosso tempo. Entre eles relembramos as sínteses críticas elaboradas pelos lusitanistas alemães Carsten Sinner e Bárbara Schäffer-Prieß, que têm dedicado uma estudiosa pesquisa ao estudo da língua, à gramaticografia e, de um modo geral, à elaboração metalinguística portuguesa (Sinner, 2009; Schäffer, 2000, 2004, 2010). A notícia crítica mais antiga, sobre esta questão, encontra-se num apontamento noticioso bastante esclarecedor e criteriosamente documentado, publicado por José Silvestre Ribeiro, logo em 1853. Este incansável polígrafo, não é geralmente referido a este propósito, mas parece ter acompanhado a controvérsia com especiosa atenção, integrando-a

[4] A LINGUÍSTICA HISTÓRICA, ASSUMIU UM PROFICIENTE RIGOR CIENTÍFICO, TORNOU-SE A DISCIPLINA CENTRAL DA FILOLOGIA A PARTIR DO FINAL DO SÉCULO XVIII, E REDEFINIU O MOSAICO LINGUÍSTICO DO PLANETA. FOI CULTIVADA POR UMA PLÉIADE MEMORÁVEL DE ESTUDIOSOS. ALÉM DE FRIEDRICH CHRISTIAN DIEZ, CONSIDERADO O FUNDADOR DA LINGUÍSTICA ROMÂNICA, RELEMBRAM-SE OS NOMES DE REFERÊNCIA (QUE PARTICIPAM DA CONTEMPORANEIDADE DE FREI FRANCISCO DE S. LUÍS), NESTE RENOVADO EMPREENDIMENTO DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM:

– LOURENÇO HERVÁS E PANDURO (1735-1809), MISSIONÁRIO JESUÍTA, OBSERVOU A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CATALOGOU MAIS DE 300 LÍNGUAS E DIALETOS.

– WILLIAM JONES (1746-1794), FUNCIONÁRIO INGLÊS NA ÍNDIA, EM 1786 APRESENTOU UM RELATÓRIO NA ROYAL ASIATIC SOCIETY, EM QUE ANUNCIA A EXISTÊNCIA DE UMA AFINIDADE GENÉTICA ENTRE AS LÍNGUAS LATINA, GREGA E O SÂNSCRITO E TAMBÉM ENTRE O CELTA E O GÓTICO.

– FRIEDRICH SCHLEGEL (1772-1829) E AUGUST SCHLEGEL (1767-1845), INICIADORES DO MÉTODO COMPARATIVO E DO ESTUDO DO SÂNSCRITO; O PRIMEIRO, NA OBRA *ÜBER DIE SPRACHE UND WEISHEIT DER INDER* (1808), LANÇOU A DESIGNAÇÃO "VERGLEICHENDE GRAMMATIK" ("GRAMÁTICA COMPARADA").

– FRANZ BOPP (1791-1867), FILÓLOGO COMPARATISTA ALEMÃO, FEZ ESTUDOS DE SÂNSCRITO, PERSA E ÁRABE E DE VÁRIAS OUTRAS FAMÍLIAS DE LÍNGUAS; CONSTITUI A FIGURA DE REFERÊNCIA DO MÉTODO COMPARATIVO, QUE SE REVELOU UM INSTRUMENTO EFICAZ PARA O LEVANTAMENTO DAS FAMÍLIAS DE LÍNGUAS E PARA O SEU ESTUDO DE MANEIRA SISTEMÁTICA E COM RIGOR CIENTÍFICO; A SUA OBRA MAIS IMPORTANTE, A GRAMÁTICA COMPARADA DAS LÍNGUAS INDO-EUROPEIAS, FOI PUBLICADA ENTRE 1833-1852 COM O TÍTULO: *VERGLEICHENDE GRAMMATIK DES SANSKRIT, SEND, ARMENISCHEN, GRIECHISCHEN, LATEINISCHEN, LITAUISCHEN, ALTSLAVISCHEN, GOTISCHEN UND DEUTSCHEN*; A VERSÃO FRANCESA FOI PUBLICADA EM 1866-1869 POR MICHEL BRÉAL.

– RASMUS RASK (1787-1832), PROMOVEU O ESTUDO COMPARADO DAS LÍNGUAS SAXÓNICAS;

– JACOB LUDWIG KARL GRIMM (1785-1863), GERMANISTA, FORMULOU A LEI DAS TRANSFORMAÇÕES FONÉTICAS.

na tradição erudita e filológica, assinalando os "prós e os contras" e contrapondo a retórica argumentativa de ambas as partes. Dedica ao assunto cerca de 70 páginas, num dos seus trabalhos de história literária (Ribeiro, 1853, p.199-266).

Reconsiderando a obra filológica e a reflexão metalinguística de Frei Francisco de S. Luís, os ensaios sobre as línguas vulgares de Espanha e sobre as origens da língua portuguesa devem ser entendidos como um episódio menor, no grande conjunto dos trabalhos de lexicografia e de reflexão crítica linguístico-literária.

Excluídos aqueles textos, subsiste uma abundante produção filológica de mérito científico e de estudiosa devoção humanista, um trabalho a todos os títulos beneditino, que oferece ainda hoje informação qualificada, com referência imprescindível, entre a bibliografia da língua e da literatura portuguesas.

Num relance muito breve da boa memória de Frei Francisco de S. Luís Saraiva, como filólogo, retomamos os títulos coligidos na edição das *Obras completas*, com indicação do tomo e da página:

Tomo I

- *Testemunhos da existência de seminários ou escolas nas cathedraes e mosteiros das Hespanhas, para instrucção da mocidade destinada ao estado ecclesiastico,* **247**

Tomo II

- *Memoria em que se trata da origem do nome de Portugal e dos seus limites em differentes épocas : quando se separou Portugal da Galliza Romana : quando se chamou reino : e quando os seus primeiros Reis tomarão este titulo,* **95**
- *Resposta ás censuras académicas feitas ás minhas duas Memorias sobre a origem do nome de Portugal, e sobre as acções do Conde D. Henrique, [offerecida á Academia em 28 de Novembro de 1836],* **359**

Tomo VII

- *Ensaio sobre alguns sinónimos da Língua Portuguesa [teve 1.ª ed. na Tipografia da Academia Real das Ciências, 1821],* **1- 467**

Tomo VIII

- *Glossário das palavras e frases da língua francesa, que por descuido, ignorância, ou necessidade se têm introduzido na Locução Portuguesa moderna; com o juizo crítico das que são adotáveis nela [teve 1.ª ed. em: História e Memórias da Academia Real das Ciências, Lisboa, t. IV, parte II, na tip.da mesma Academia, 1816, 1-146],* **1-178**
- *Resposta a varias censuras feitas ao Glossário das palavras e frases da lingua íranceza, introduzidas na locução portugueza,* **179**
- *Glossário de vocábulos portuguezes derivados das línguas orientaes e africanas, excepto a árabe,* **209**
- *Resposta a varias censuras feitas ao Glossário de vocábulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas, excepto a árabe,* **319**

Tomo IX

- *Glossário de vocábulos da lingua vulgar portugueza que trazem origem do grego, 1*
- *Lista de vocábulos portuguezes da linguagem commum que são juntamente gregos e latinos, e se podem*

derivar de qualquer destes dois idiomas, **95**

- *Lista de vocábulos portuguezes derivados: 1.°, do céltico, gaulez ou breton; 2.°, do vasconso; 5.°, do gothico, germânico ou teutonico; 4.°, de outros idiomas do norte,* **109**
- *Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portugueza não he filha da latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos,* **163**
- *Nota sobre as linguas vulgares da Hespanha. Mostra-se analyticamente que estas linguas não nascerão da corrupção do latim, nem da sua mistura com os idiomas dos povos bárbaros, que no século V invadirão as Hespanhas,* **209**
- *Reflexões criticas sobre o diccionario de Moraes da quarta edição e sobre o uso de alguns vocábulos da lingua portugueza,* **283**

Tomo X

- *Comparação da historia de D. João de Castro por Jacinto Freire de Andrade, e da vida de D. Paulo de Lima por Diogo de Couto,* **1**
- *Apologia de Camões contra as reflexões criticas do padre José Agostinho de Macedo, sobre o episodio de Adamastor no canto 5° dos Lusiadas,* **153**
- *Erratas miúdas na traducção portugueza da Historia geral de Portugal de Mr. de La Clede,* **233**
- *Memoria sobre o estado das letras em Portugal na primeira metade do século XVIII (Fragm.),* **271**

Neste conjunto, são obras de primordial interesse os títulos dedicados ao labor lexicográfico (que se encontram compilados nos tomos VII, VIII e IX). Todavia, o entusiasmo e a paixão filológica transparecem ainda em vários artigos recolhidos em outros volumes, pequenos ensaios de história e crítica literária, como a *Apologia de Camões* contra o padre José Agostinho de Macedo; ou ainda, a *Memoria*, fragmentária, mas ainda assim noticiosa, *sobre o estado das letras em Portugal*, que se encontram no tomo X.

O contributo filológico mais auferível para o estudo e valorização da língua portuguesa deve procurar-se no *Glossário* sobre os galicismos e no *Ensaio sobre alguns sinónimos*. Foram livros que tiveram amplo acolhimento, com várias edições, ainda em vida do autor, e que influenciaram a escrita, nomeadamente a escrita literária e o ensino da língua. Repercutiram-se especialmente na dicionarística subsequente e continuam a ser textos de leitura aprazível e proveitosa.

> ***"Foram livros que tiveram amplo acolhimento, com várias edições, ainda em vida do autor, e que influenciaram a escrita, nomeadamente a escrita literária e o ensino da língua."***

7.

O *Ensaio sobre alguns sinónimos da Língua Portuguesa* retoma, de modelos franceses (Gabriel Girard, 1677-1748, *Synonymes françois: leurs différentes significations et le choix qu'il en faut faire pour parler avec justesse* (1.ª ed. 1736, aumentado e renovado em sucessivas reedições); e Pierre Joseph André Roubaud, 1730-1791, *Nouveaux Synonymes françois*, 1785-1786, 4 vols., várias reedições) uma especiosa metodologia de análise semântica,

de certo modo pré-estruturalista, que observa o vocabulário em conjuntos, ou subsistemas de âmbito delimitado, e analisa e esclarece as significações, explorando as suas relações de especialidade, de semelhança e de contraste. As descrições semânticas tradicionais valorizavam, por um lado, as relações de antónimos e de sinónimos e, por outro, as de metáfora e de metonímia, ou de comparação e de sinédoque, esquematizadas nas figuras da Retórica. A nova metodologia deste *Ensaio*, promove uma descrição semântica mais fina e mais complexa, procurando reconhecer os valores pertinentes e distintivos, num conjunto delimitado.
Nada mais ilustrativo do que a exemplificação do próprio texto:

Chorar - Prantear - Lamentar - Carpir-se
"Chorar exprime tão somente lagrimas. Prantear exprime vozes queixosas, talvez acompanhadas de lagrimas.
Lamentar exprime pranto forte, continuado, ás vezes immoderado, talvez acompanhado de lagrimas e gemidos: ou também canto lúgubre, em que se prantêa alguma grande calamidade.
Carpir-se exprime acções demonstrativas de dor e lucto, como, v. gr., arrancar os cabellos, ferir as faces e o peito, etc.
Vieira, Palavra de Deos empenhada. Sermão das Exéquias da Rainha, etc, §2.°, pag. 10: "Note-se muito (diz) a differença das palavras, e a distincção dos affectos. O plangeret he prantear, e significa vozes: o fleret he chorar, e significa lagrimas".
Moraes, Palmeirim, part. 1.ª cap. 6.°: "Ouvia prantos de pessoas, que com palavras cheias de muita lastima representavão sua dor e sentimento".
E no cap. 21.°: "Começando dentro hum pranto de vozes tristes..."
(tomo VII, entr. 29, p. 33)

Gabar - Louvar
"Gabão-se as forças e a valentia do homem. Louva-se e tambem se gaba o seu procedimento, o seu saber. Gaba-se a formosura, a gentileza, a graça, a vivacidade de huma mulher. Louva-se a sua honestidade, o seu pudor, a sua virtude.
Gaba-se hum bom traste, hum bom cavallo, huma maquina bem construída, hum edifício formoso e bem arranjado, etc., e nada disto se louva. Pelo que, gabar refere-se ás pessoas e ás cousas. Louvar refere-se particularmente ás pessoas.
Gaba-se tudo o que he bom no seu género: louva-se tudo aquillo por que o homem se faz benemérito e digno da estimação dos outros homens. Quem se gaba he vaidoso. Quem se louva he orgulhoso: por isso nos rimos ordinariamente do homem que se gaba, e aborrecemos o homem que se louva a si mesmo"
(tomo VII, entr. 89, p. 77)

Quase todas as entradas têm qualidade para serem retomados como textos antológicos, de leitura muito auferível, e especialmente adequados para serem usados em extensão didática, no ensino e exercitação do vocabulário.
O *Ensaio* foi objeto duma alargada recensão historiográfica e crítica, no âmbito duma investigação

sobre a lexicografia sinonímica, elaborada por Evelina Verdelho, e publicada em 1981. Nela se analisa, com pesquisada minúcia, o córpus, o método lexicográfico, a fundamentação teórica, as fontes de referência e de influência, e o seu enquadramento na história da língua e da dicionarística portuguesa. A autora recenseia ainda uma notícia bem preenchida sobre a receção e repercussão da obra de Frei Francisco entre os estudiosos da filologia e da língua portuguesa (Verdelho, 1981).

8.

O *Glossário das palavras e frases da língua francesa, que por descuido, ignorância, ou necessidade se têm introduzido na Locução Portuguesa moderna* foi talvez o trabalho filológico de Frei Francisco mais louvado e mais repercutido no seu tempo, ao longo do século XIX e até aos meados do século XX.

Os parâmetros epistemológicos do *Glossário* envolvem explicitamente a norma linguística, as noções de pureza e vernaculidade, a leitura e imitação dos clássicos, a política de defesa da língua, como uma instância de moralidade e como um património ideal intocável e de imperscrutável formosura. No *Glossário* encontram-se alguns dos mais interessantes pronunciamentos sobre a autoridade normativa na língua. É um enunciado metalinguístico que começou a ser formulado, na segunda metade do século XVIII, e ganhou especial relevância no âmbito do discurso da Academia Real das Ciências. Suscitou um conjunto de textos publicados, em grande parte, nas *Memórias de Literatura Portuguesa*, entre 1792 e 1818, aos quais se deve acrescentar o importante contributo das *Reflexões sobre a lingua portugueza*, de Francisco José Freire (também conhecido pelo nome arcádico de Cândido Lusitano), editadas postumamente (1842) por Cunha Rivara. Esses textos tiveram uma forte influência no subsequente pensamento normativo e metalinguístico em geral. Entre outros aspetos, suscitaram a recuperação da memória literária, correspondente à acumulação do património textual, especialmente dos séculos XVI e XVII; promoveram a sua leitura e escolarização; deram início ao estudo metódico da história da literatura; distinguiram e hierarquizaram os escritores, e procuraram delimitar um cânone de autores clássicos.

Frei Francisco de S. Luís ocupa um lugar distinto, que poderemos considerar mais inovador, entre este escol de dedicados estudiosos da língua portuguesa. Em vários textos do *Glossário*, deixa transparecer a sua doutrina linguística, esclarecendo as fontes que podem autorizar a referência normativa. A mais importante é a "assídua lição dos clássicos":

"... hum só remédio propomos e recommendamos aos nossos leitores, o qual consiste na assídua lição

dos clássicos, que melhor possuirão a nossa língua, e nella escreverão. Nelles acharão hum thesouro de vocábulos e frases, com que possão exprimir não só exactamente, mas até com desenfastiada e elegante variedade, as suas idéas e conceitos, sem mendigarem dos estranhos o que tem de superabundância na sua própria pátria. Nelles aprenderão a maneira verdadeiramente portugueza de tecer o discurso, de ordenar e arranjar todas as partes delle, e de ornamental-o com aquellas graças, e modos graves e desaffectados, que são próprios do idioma, e que o fazem igual aos melhores da Europa, e superior a alguns dos mais copiosos e polidos. Por elles emfim chegarão a formar huma idéa adequada das relevantes qualidades da nossa lingua; a dar-lhe a estima e preferencia, que ella merece; e a restituir-lhe a sua natural belleza e formosura, desacompanhando-a dos ornamentos e modos estrangeiros, que tanto a tem desfigurado." (***Glossario*, 1816, p. 5**)

Num texto conclusivo, do final do *Glossário*, repete a necessidade da "assídua lição dos clássicos" e acrescenta a necessidade do "conhecimento dos princípios filosóficos da gramática universal".[5]

A apresentação do trabalho na Academia Real das Ciências deu lugar às habituais "censuras" que precediam o "imprimatur" académico. Contestou-as o autor com uma *Resposta a varias censuras feitas ao Glossário das palavras e frases da língua franceza introduzidas na locução portugueza*. Nesse texto alarga-se a perspetiva do filólogo, mantém-se a autoridade dos "escritores de conhecido merecimento", mas o bom uso admite também como parâmetros de referência autorizada: a escrita da administração e do governo; as academias e os estudiosos da língua (que publicam os manuais metalinguísticos); os escritores contemporâneos "de distinto saber e de literatura consumada"; e, em caso de necessidade, os recurso derivacionais, a partir das raizes portuguesas, ou o socorro pedido a outros idiomas, com hierarquia preferencial do latim, castelhano, italiano e francês.[6]

Sob muitos pontos de vista, o *Glossário* é o texto mais interessante da produção filológica de Frei Francisco. Justifica plenamente a receção que teve no seu tempo, e a repercussão que se prolongou, no universo linguístico-literário, até à atualidade.

Um bom indicador desta transbordância da doutrina e do discurso do *Glossário* pode aferir-se pela comparação da entrada *Galimatias* com a glosa que este mesmo termo suscitaria, alguns anos mais tarde, nas *Viagens na Minha Terra* de Almeida Garrett. Sabe-se que o autor das *Viagens* foi leitor assíduo e exigente dos textos filológicos de Frei Francisco de S. Luís, e aceitava a opinião então indiscutida, da sua soberania doutrinal. Todavia, não obstante uma confessada amizade, mantinha uma certa tensão crítica, em relação a vários aspetos do pensamento do Mestre. Quando, estudante em Coimbra, solicitara uma leitura do *Retrato de Vénus*, an-

[5] "... O POUCO, QUE TEMOS DITO, BASTA PARA DESPERTAR A ADVERTÊNCIA E REFLEXÃO DOS TRADUCTORES, E PARA OS MOVER A CORRIGIR OS MULTIPLICADOS GALLICISMOS, DE QUE ESTÃO CHEIAS AS NOSSAS TRADUCÇÕES MODERNAS. HUMA SÓ COUSA PORÉM TORNAMOS A REPETIR, E NÃO CESSAREMOS DE INCULCAR, E HE QUE SÓ A ASSIDUA LIÇÃO DOS CLÁSSICOS NACIONAES, E O ATURADO ESTUDO DAS SUAS OBRAS, JUNTO COM O CONHECIMENTO DOS PRINCIPIOS FILOSÓFICOS DA GRAMMATICA UNIVERSAL, PODEM VIR A LIBERTAR A LINGUA PORTUGUEZA DAS FORMAS ESTRANGEIRAS, QUE NELLA SE TEM INTRODUZIDO, E RESTITUIL-A Á SUA NATIVA PUREZA E ELEGÂNCIA. SEJA POIS ESTE O PRINCIPAL CUIDADO DOS ERUDITOS PORTUGUEZES, QUE AMÃO A SUA LINGUAGEM, E NÃO SE DIRÁ MAIS POR ELLA O QUE JÁ COM GALANTERIA DISSE HUM ESCRIPTOR DOUTO: "QUE PELO POUCO QUE LHE QUEREM SEUS NATURAES, A TRAZEM MAIS REMENDADA, QUE CAPA DE PEDINTE". LOBO, *CÔRTE NA ALDEIA*. DIAL. 1.º (*GLOSSÁRIO*, 1816, P. 146).

tes da sua publicação (em 1821). Frei Francisco observou vários pontos corrigíveis, mas o jovem autor deu escasso acolhimento a essas anotações e publicou o texto sem sequer oferecer um exemplar ao já então ilustre académico. O incidente teve alguma repercussão no relacionamento entre eles, mas não prejudicou um recíproco apreço intelectual.

Acatando a lição do velho mestre beneditino, Garrett acompanhava com devoção a doutrina do zelo purista. Em 1826, no *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa* pronunciava-se com emocionado fervor contra os galicismos:

"Tínhamos perdido a independência; perdemos logo o espírito nacional, o timbre, o amor pátrio (que amor da pátria poderá haver em quem pátria já não tem!); a lisonja servil, a adulação infame levou nossos desonrados avós a desprezar seu próprio riquíssimo e tão suave idioma, para escrever no gutural Castelhano, preferindo os sonoros helenismos do português às aspiradas aravias da língua dos tiranos. Vergonha que só tem par nas derradeiras vergonhas com que nos enxovalharam a língua e a fama os tarelos, francelhos, galiciparlas e toda a caterva dos galómanos!" **(Garrett, 1966, p. 496)**

Todavia, anos mais tarde, na publicação das *Viagens*, confronta a opinião de S. Luís, com uma atitude de distância e de moderação em relação ao pronunciamento vernaculista. Os dois textos motivados pela forma *Galimatias*, supõem um implícito diálogo, que, para além do relativo desencontro, revela a persistência duma cultivada intercomunicação metalinguística e intelectual:

Glossário:
"Galimatiás: He palavras puramente franceza, que sem razão querem alguns trazer á nossa lingua. Em portuguez corresponde-lhe exactamente o vocábulo palavrorio, ou palanfrorio, que em latim se exprime por inanis verborum sonitus; canorae nugae; voces inopes rerum, etc. Tem differença do francez jargon, que exprimimos por algaravia, inglesia, etc." **(*Obras*, tomo VIII, p. 80)**

Resposta a varias censuras feitas ao Glossário das palavras e frases da lingua franceza, introduzidas na locução portugueza:

*"**Galimatiás** – Os nossos Portuguezes dizião Algaravia, linguagem confusa, que se não entende,inintelligivel, etc. Também dizião geringonça, alludindo á linguagem ininteligivel, inventada pelos ciganos para falarem huns com outros, sem serem entendidos dos que não erão da mesma relé. Esta linguagem cbamava-se gira, ou gíria, expressão a que hoje temos dado huma significação mais ampla, mas analoga á primitiva. Finalmente dizemos também por modo de provérbio falar vasconso, isto he, falar de hum modo que se não entende."* **(*Obras*, tomo VIII, p. 204)**

Almeida Garrett
[Viagens, cap. XXXVIII] ".. Subli-

[6] "... OS ERUDITOS QUE ATTRIBUEM AOS PAPEIS MINISTERIAES O DIREITO DE INNOVAR PALAVRAS, RENDEM O DEVIDO ACATAMENTO Á AUCTORIDADE E SABEDORIA DO GOVERNO.

OS QUE CONCEDEM O MESMO DIREITO AOS SÁBIOS E ESCRIPTORES DE CONHECIDO MERECIMENTO, OU ÁS ASSOCIAÇÕES ACADÉMICAS, RESPEITÃO AS SUAS LUZES E SABER, E A JUSTA INFLUENCIA QUE TEM SOBRE O PUBLICO EM MATÉRIAS LILTERARIAS.

PÓDE TAMBÉM EM CERTO MODO DIZER-SE, QUE QUALQUER ESCRIPTOR TEM A LIBERDADE DE FORMAR, COMPOR OU DERIVAR NOVOS TERMOS: MAS COMO ENTRE OS ESCRIPTORES MEDÍOCRES SÃO POUCOS OS QUE SABEM FAZER CONVENIENTE USO DESTA LIBERDADE, POR ISSO A VEMOS DE ORDINÁRIO CONCEDIDA SOMENTE AOS HOMENS DE DISTINCTO SABER E DE LITTERATURA CONSUMMADA.

EM GERAL TODO O VOCÁBULO NECESSÁRIO, EXPRESSIVO, HARMONICO, E FORMADO CONFORME A ANALOGIA DA LINGUA, PODE ADOPTAR-SE, SEJA QUEM FOR O SEU PRIMEIRO INVENTOR E ESTA SERÁ TALVEZ A MAIS SEGURA REGRA QUE EM SEMELHANTE MATÉRIA SE PÓDE ESTABELECER.

HE SEM DUVIDA QUE QUANDO NA LÍNGUA PORTUGUEZA TEMOS NECESSIDADE DE ALGUM VOCÁBULO, SE DEVE PRIMEIRAMENTE BUSCAR NAS RAIZES DA MESMA LINGUA, FORMANDO DELLAS TERMOS DERIVADOS, OU COMPOSTOS, QUE SUPPRÃO AQUELLA FALTA.

QUANDO NELLA NÃO ACHARMOS ESTE SOCCORRO, O PODEREMOS PEDIR AOS OUTROS IDIOMAS, ENTRE OS QUAES PREFERIRIA EU: 1.°, O LATINO; 2.°, O CASTELHANO; 3.°, O ITALIANO; 4.º, O FRANCEZ, ETC, ATTENDENDO SEMPRE Á MAIOR OU MENOR PROXIMIDADE E ANALOGIA QUE ELLES TEM COM A NOSSA LINGUA; Á SUA MAIOR OU MENOR COPIA DE TERMOS; E TAMBÉM AO MAIOR OU MENOR CONHECIMENTO QUE NÓS TIVERMOS DESSES IDIOMAS.

ESTA ORDEM PORÉM DE PREFERENCIAS SOMENTE SE ENTENDE EM IGUALDADE DE CIRCUMSTANCIAS, E EM GERAL; PORQUE NA [P.182/183] PRATICA HE MUITAS VEZES NECESSÁRIO ALTERAL-A. ASSIM PARA NOVOS TERMOS SCIENTIFICOS RECORREM AINDA HOJE OS SABIOS Á LINGUA GREGA; PARA OS TERMOS MÚSICOS PREFERIREMOS A ITALIANA A QUALQUER OUTRA LINGUA, &C." (*OBRAS*, [*RESPOSTA A VARIAS CENSURAS*...], TOMO VIII, P. 182-183).

me galimatias do ridículo. – A bela e necessária palavra "galimatias".
Peço aos ilustres puritanos que, à força de sublimado quinhentista, têm conseguido levar a língua à decrepitude para curar de suas enfermidades francesas, peço-lhes que me perdoem o galimatias, porque ele é muito mais português que outra coisa. A célebre oração Pro gallo Mathiae deu origem a esta bela e expressiva palavra, que sim foi procriada em francês, mas hoje precisamos cá muito mais bela que em parte nenhuma." **(Garrett, 1966, p. 161 e 164)**

O *Glossário* iniciou, na tradição lexicográfica portuguesa, um especial zelo normativo e expurgatório, em defesa da vernaculidade, contra o barbarismo neológico, importado das línguas estrangeiras. Ao longo do século XIX e na primeira metade do século XX, publicou-se, na senda desta obra, uma abundante bibliografia de indagação e recolha de estrangeirismos e particularmente de galicismos.
Para a língua portuguesa, esta e outras compilações lexicais do nosso autor oferecem uma prestimosa informação histórica. Registam a integração e o percurso diacrónico de vários neologismos; esclarecem a sua proveniência, o seu uso e a sua adequação semântica. Pode servir-nos de exemplo o termo "romance", que, diz o filólogo "sempre significou entre nós *Lingua vulgar*, ou propria de cada Nação." Todavia, acrescenta:

"Mas romance [tomado] por Novella he novo e trazido do Francez: hoje porém está adoptado pelo uso geral" (***Obras*, [*Glossario*, 1816], tomo VIII, p. 132**).

Por outro lado, estes roteiros lexicográficos recuperam a memória literária, fundamentando o bom uso na autoridade do texto antigo, que é citado copiosamente e com recorrida proficiência. Para autorizar o uso transitivo do verbo "esquecer", "reprovada como galicismo por um crítico moderno", relembra o modelo "constante e frequentíssimo dos clássicos" e transcreve, só para esta forma, a lição de Camões, António Ferreira, Fernão Álvares do Oriente, Gabriel Pereira de Castro, Amador Arrais, Frei Luís de Sousa e Rodrigues Lobo (*Obras* [*Glossario*, 1816], tomo VIII, p. 65-66).
Os autores clássicos foram identificados e instituídos em modelos e árbitros do comportamento linguístico culto, pelos gramáticos e filólogos do final do século XVIII. Esta doutrina foi consensualmente acatada e persiste ainda no pensamento linguístico português. Entre os principais teorizadores, dessas décadas fecundas de reflexão sobre a língua, distinguem-se: Francisco José Freire, António Pereira de Figueiredo, António das Neves Pereira, Francisco Dias Gomes, Jerónimo Soares Barbosa e, com destacado vulto, o próprio Frei Francisco de S. Luís. Todos eles relembraram e atualizaram com validação mais ou menos hierarquizada a herança dos escritores "de boa nota".
Além da lista de autores ordenada

[7] "É NECESSARIO QUE HAJA EM CADA NAÇÃO UM JUIZ ARBITRO DAS CONTROVERSIAS QUE SE PODEM EXCITAR SOBRE A SUA LINGUA; UM JUIZ PERMANENTE, UM JUIZ QUE SE POSSA CONSULTAR A TODA A HORA.

E QUEM PÓDE SER ESSE JUIZ? SE-LO-HA ALGUM PARTICULAR? MAS ESSA AUTHORIDADE NÃO A ARROGARIA A SI NEM UM VIEIRA, NO TEMPO EM QUE A NAÇÃO O NÃO TINHA ESCOLHIDO PARA ARBITRO DAS SUAS PALAVRAS; QUANTO MAIS QUE NEM SEMPRE É FACIL ACHAR UM HOMEM DESTA MARCA. SE-LO-HA ALGUMA SOCIEDADE DE HOMENS DE LETRAS? MAS ESSA SOCIEDADE NÃO DEVE SENTENCIAR DE SEU MOTU PROPRIO, MAS SEGUNDO CERTAS LEIS: E QUEM HA-DE PRESCREVER ESSAS LEIS?

DIREIS QUE AS CONTROVERSIAS SOBRE UMA LINGUA AS DEVE DECIDIR O USO DOS ERUDITOS, CONFORME OS PRECEITOS DE HORACIO E QUINTILIANO. E EU AINDA INSISTO: E QUEM SÃO ESSES ERUDITOS, CUJO VOTO QUEREIS QUE DECIDA A FINAL TODAS ESSAS CONTROVERSIAS? SERÃO OS GRANDES THEOLOGOS, OS GRANDES PHILOSOPHOS, OS GRANDES MATHEMATICOS, OS GRANDES JURISCONSULTOS, OS GRANDES MEDICOS?

MAS ESTES SÓ PODEM TER VOTO DECISIVO NOS VOCABULOS PROPRIOS DA SUA PROFISSÃO, NOS VOCABULOS TECHNICOS, E AS CONTROVERSIAS MAIS FREQUENTES SÃO SOBRE AS PALAVRAS DO USO GERAL, DO USO DOMESTICO, DO USO QUOTIDIANO, QUE SÃO AS QUE FORMAM O MAIOR E O MAIS CONSIDERÁVEL NUMERO DOS NOSSOS TERMOS PATRIOS.

NÃO PODEREIS LOGO EVADIR A FORÇA DA MINHA INSTANCIA, SENÃO CONFESSANDO QUE OS ERUDITOS, AO USO DOS QUAIS CONSTITUI QUINTILIANO ARBITRO SUPREMO DAS PALAVRAS FAMILIARES DE UMA LINGUA, SÃO SÓ OS VERSADOS NA LIÇÃO DOS SEUS AUTHORES CLASSICOS, E QUE POR ELLES DECIDEM O QUE É FALLAR BEM OU FALLAR MAL.

ISTO CONCEDIDO, PROSIGO EU AGORA. OS AUTHORES CLASSICOS DA LINGUA PORTUGUEZA, CONSIDERADOS ASSIM POR ALTO, SÃO OS SEGUINTES: JOÃO DE BARROS - DAMIÃO DE GOES - FRANCISCO DE ANDRADE - DIOGO DE COUTO - AFFONSO DE ALBUQUERQUE - FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA - LUIZ DE CAMÕES - DIOGO BERNARDES - ANTONIO FERRAEIRA - FRANCISCO RODRIGUES LOBO - DUARTE NUNES DE LEÃO - D. FR. AMADOR ARRAES - D. FR. MARCOS DE LISBOA - JORGE DE MONTE-MAIOR - GASPAR BARREIROS - FERNÃO MENDES PINTO - FERNÃO ALVARES DO ORIENTE - FR. HEITOR PINTO - FR. BERNARDO DE BRITO - FR. LUIZ DE SOUSA - P. JOÃO DE LUCENA - D. FRANCISCO MANOEL - OS DOUS BRANDÕES,

e comentada, que precede a edição do *Dicionário da Academia* (1793) e do *Catálogo dos autores e obras* (1799), para servir de base à sua continuação, em vários outros textos se estabelecem escolhas críticas dos autores exemplares. A classificação mais explícita e mais frequentemente aduzida é a do oratoriano António Pereira de Figueiredo, que o próprio Camilo Castelo Branco integrou na versão portuguesa ampliada do *Diccionario universal de educação de Campagne*, publicado em 1873 e, em nova edição em 1886. O famoso texto fora apresentado à Academia das Ciências, numa dissertação recitada em 1781: «João de Barros, exemplar da mais sólida eloquência portuguesa» (António Pereira de Figueiredo, *Memórias de Literatura*, tomo IV, 1793, p.4-25). Nela se define o pressuposto autoral da vernaculidade, e se nomeiam os "autores clássicos", estabelecendo um cânone de referência para orientação da boa escrita.[7]

Francisco José Freire (também oratoriano), influente teorizador do bom uso literário, sobretudo no *Dicionário poético e nas Reflexões sobre a lingua portuguesa*, enumerou, por sua vez, uma lista classificada e comentada de "... todos os auctores que geralmente são tidos por Classicos na Lingua Portugueza" (Freire, 1842).[8]

A lição dos clássicos encontra-se notoriamente presente, na obra de Frei Francisco de S. Luís. Ele acrescentou novas perspetivas à preponderância do modelo dos "autores", que inspirava de modo quase exclusivo, a conceção normativa dos académicos que o precederam. Mas, no *Glossário*, e em vários outros lugares da sua obra, nunca deixou de corroborar o princípio da referência essencial da memória literária. Nos textos de elaboração lexicográfica, que preenchem o tomo VIII das *Obras completas*, as citações do epíteto "clássicos" ou autor "clássico" são frequentíssimas, contam-se cerca de uma centena de ocorrências; e, no *Ensaio sobre alguns sinónimos da Língua Portuguesa*, publicado cinco anos mais tarde, é igualmente frequente o apelo aos "nossos clássicos".

Entretanto, a principal inovação, no que respeita à sua doutrina normativa, encontra-se na valorização da sincronia contemporânea, modelada pelos socioletos prestigiados ("Cumpre que os escriptores, os mestres, os homens de letras e as pessoas illustradas reformem a ordinaria linguagem..." *Obras*, tomo IX, p. 347), e sobretudo nos textos de estudo e de teorização metalinguística, no domínio da gramática e da lexicografia ("obras científicas e didáticas"), que, com fundamentada ciência, poderão promover a defesa e ilustração da língua. Neste âmbito se insere justamente a dicionarística de sinónimos e de neologismos, em que vão destacar-se o *Ensaio* e o *Glossário*, como novos e necessários contributos:

"Temos na verdade muitos e illustres classicos, que na idade aurea da nossa litteratura escreverão com pure-

CHRONISTAS-MÓRES - FR. MANOEL DA ESPERANÇA - D. RODRIGO DA CUNHA - JACINTO FREIRE DE ANDRADE - DUARTE RIBEIRO DE MACEDO - P. ANTONIO VIEIRA - P. BARTOLOMEU DO QUENTAL - P. MANOEL RODRIGUES LEITÃO - P. MANOEL BERNARDES.

E DEPOIS DESTES, OS QUE ATÉ Á NOSSA IDADE SE ESFORÇARAM POR IMITAR OS MELHORES, ENTRE OS QUAES METTÊRA EU AO P. FRANCISCO DE SANTA MARIA, AO P. FRANCISCO DE SOUSA, AO P. DIOGO CURADO, E A D. JOSÉ BARBOSA.

LOGO, ESTES SÃO OS AUTHORES POR ONDE OS ERUDITOS DA LÍNGUA DEVEM JULGAR E DECIDIR O QUE É FALLAR BEM OU FALLAR MAL EM PORTUGUEZ. ESTES OS QUE DEVEM SER IMITADOS, COM AS PRECAUÇÕES QUE DEIXO APONTADAS." (*DICIONÁRIO UNIVERSAL DE EDUCAÇÃO E ENSINO*, NOVA EDIÇÃO, VOL. I, 1886, P. 963-964).

[8] "E' DOUTRINA CERTA ENTRE OS ANTIGOS GRAMMATICOS, E RHETORICOS, ASSIM GREGOS, COMO LATINOS, QUE A PRINCIPALISSIMA QUALIDADE, QUE DEVE TER QUALQUER ESCRIPTOR, É A PUREZA DA LINGUAGEM, EM QUE ESCREVE. SEM PRIORIDADE NO FALLAR PERDE MUITO QUALQUER OBRA LITTERARIA DAQUELLE SOLIDO MERECIMENTO QUE DEPENDE NÃO DO JUIZO DO POVO IGNORANTE, MAS DA SENTENÇA DA CRITICA JUDICIOSA. ESTA PROPRIEDADE CONSISTE EM USAR DAQUELLES VOCABULOS, DAQUELLAS FRASES, E IDIOTISMOS, QUE CONSTITUEM O DISTINCTIVO, E INDOLE LEGITIMA DO IDIOMA, EM QUE SE ESCREVE. PARA SE CONSEGUIR ESTA NECESSARIA PERFEIÇÃO NÃO HA SENÃO SEGUIR OS VESTIGIOS DOS AUCTORES CLASSICOS, QUE TEM CADA UMA DAS LINGUAS CULTAS... CONTRAHINDO ESTA GERAL DOUTRINA, QUE TODAS AS NAÇÕES POLIDAS CULTIVAM, E FOMENTAM, DIGO A RESPEITO DA LINGUAGEM PORTUGUEZA QUE INFALLIVELMENTE VÃO ERRADOS TODOS OS QUE NÃO CAMINHAM PELOS VESTIGIOS DAQUELLES AUCTORES, QUE PELO SEU JUSTISSIMO MERECIMENTO LOGRAM ENTRE OS SABIOS O TITULO DE *CLÁSSICOS*. A EXPERIENCIA ASSAZ MOSTRA TODOS OS DIAS A VERDADE DESTA PROPOSIÇÃO, OUVINDO-SE, E LENDO-SE LIVRO DE PORTUGUEZ TÃO BARBARO, QUE SÃO O ALVO DO DESPRESO, OU DA INDIGNAÇÃO DOS CRITICOS ZELOSOS. MOSTREMOS POIS AO ESCRIPTOR PRINCIPIANTE, QUAES SEJAM ESTES *CLASSICOS* PELO COMMUM CONSENSO DOS QUE MAIS CULTIVAM A PURA LINGUAGEM PORTUGUEZA..." (FREIRE, 1842, P. 6)

za e elegancia, e até com sufficiente perspicuidade, e nos transmittirão em seus escriptos muitas riquezas da linguagem pátria: mas não tivemos então, nem temos tido até o presente abundância de sabios que escrevessem na lingua Portugueza obras scientificas, e didacticas, em que lhes fosse necessario determinar e fixar com toda a precisão filosofica o valor e differenças dos vocabulos synonymos, e em que por esse modo nos deixassem os subsídios necessarios para o bom desempenho do nosso assumpto." (***Obras*, tomo VII, p .4**)

O *Glossário*, com várias centenas de palavras, distribuídas em 374 entradas, é uma importante elaboração lexicográfica, com notícia incorporada na dicionarística subsequente, e com informação de valor sociolinguístico, que deve hoje ainda integrar-se no reconhecimento diacrónico da língua portuguesa.
De um outro ponto de vista, o *Glossário* é também um inesperado documento para a história da cultura e da sociabilidade portuguesa, no final do século XVIII e princípio do século XIX. Para além da dimensão formal e linguística dos galicismos, o córpus selecionado supõe um universo de motivações comportamentais da sociedade, sobretudo no domínio da moda e da vida social, da política, dos parâmetros morais e religiosos, das mentalidades, e até de alguns aspetos da inovação técnica. O vocabulário referenciado, objeto do comentário filológico, sugere também uma renovada temática da conversação, que preenche o espaço de circulação da palvra pública. A sociedade escolarizada, mais ou menos culta, acatava ostensivamente os modelos prestigiados da cultura e dos tropismos sociais franceses. O tempo de leitura era amplamente parasitado por traduções do francês, que davam complacente acolhimento às palavras afrancesadas.
Finda a administração pombalina, atenua-se a vigilância restritiva, verifica-se uma expansão da atividade editorial. A publicação de livros traduzidos do francês aumentou exponencialmente.[9] E também o ensino do francês se torna mais geral, apoiado por vários manuais, gramáticas e dicionários. O português confronta-se, em todo o campo da expressão culta e escolarizada, com uma forte pressão interlinguística. O galicismo impõe-se com um prestígio simbólico dominante, e desafiador da urbanidade verbal e da segurança linguística, que sustenta o sentido comunitário da língua como identificador nacional. Neste contexto, o *Glossário* é um cultivado testemunho da "defesa da língua".

9.

No perfil filológico de Frei Francisco de S. Luís é necessário incluir o ornamento da escrita aprazível e cultivada. Da sua prodigiosa pena pode esperar-se sempre uma prosa de bom gosto, com um ritmo e uma elegância que ainda hoje solicitam a leitura. É natural nos seus textos: a graça do discurso,

[9] NA BIBLIOGRAFIA DA TRADUÇÃO EM PORTUGAL COLIGIDA POR GONÇALVES RODRIGUES, DURANTE OS 27 ANOS DO CONSULADO POMBALINO, ENTRE 1750 E 1777, FORAM PUBLICADAS AS TRADUÇÕES DE 389 TÍTULOS; NOS 27 ANOS SEGUINTES, ENTRE 1777 E 1804, REGISTA-SE A PUBLICAÇÃO DAS TRADUÇÕES DE 1277 TÍTULOS. (RODRIGUES, 1992, P. 131-260)

a evocação aforística, a citação oportuna e luminosa dos melhores autores da memória clássica. E, a tudo isto, acresce uma admirável disponibilidade criativa que enriquece o seu vocabulário.
Um dos aspetos mais interessantes é a inovação derivacional. A recorrência do sufixo *-ismo*, é um eloquente exemplo. Este sufixo é uma das marcas do português contemporâneo, e começou a multiplicar-se justamente a partir da revolução liberal de 1820, não por acaso, designada vintismo. O redescoberto sufixo, de origem grega, antigo nas palavras *catecismo, batismo e barbarismo*, expandiu-se pelo *miguelismo* e *liberalismo*, e compõe hoje vários milhares de formas. A sensibilidade linguística de Frei Francisco de S. Luís parece ter adivinhado, de modo premonitório, o adveniente sucesso desta derivação, porque a utilizou amplamente nos seus textos. Numa pesquisa não sistemática, encontraram-se cerca de 40 formas em alguns volumes da sua obra:

aforismo, arcaísmo, arianismo, anacronismo, baptismo, barbarismo, catecismos, catolicismo, ceticismo, cristianismo, despotismo, dogmatismo, egoísmo, eufemismo, fanatismo, francesismo, galicismo, galvanismo, gentilismo, gongorismo, grecismo, hebraísmo, heroísmo, hispanismo, idiotismo portuguez, inglesismo, Islamismo, judaísmo, laconismo, latinismo, machiavelismo, magnetismo, maometanismo, mecanismo, neologismo, paralogismo, patriotismo, pirronismo, priscilianismo, solecismo.

> ***"A obra de Frei Francisco de S. Luís Saraiva e a sua mensagem de Filólogo ocupam um lugar de charneira, no percurso da elaboração metalinguística portuguesa."***

10.

A obra de Frei Francisco de S. Luís Saraiva e a sua mensagem de *Filólogo* ocupam um lugar de charneira, no percurso da elaboração metalinguística portuguesa. A este propósito, parece oportuno relembrar um conjunto de factos históricos que poderão ajudar a compreender o percurso e os ideais que o motivaram e o distinguiram como figura cimeira, no estudo da língua portuguesa.
Entre 1766 e 1845 decorre um dos períodos mais dinâmicos e transformadores da história da língua. Foi um período intenso de grandes e pequenos acontecimentos, que se repercutiram de modo indestrinçável nos comportamentos linguísticos e na própria elaboração metalinguística. Assinalamos as emergências históricas que nos parecem mais pertinentes e de maior dimensão:

Factos da história política:
- Criação da Academia Real das Ciências (1779);
- independência do Brasil (1822);
- institucionalização do ensino secundário (1836 - a sua muito lenta implementação não invalida o esforçado investimento pedagógico, na programação de conteúdos e na elaboração de manuais escolares).

Factos da história externa da língua:
- Escolarização da língua portuguesa e da memória literária;
- rogrediente secundarização do latim;

- abundante produção metalinguística, especialmente no amplo sector da lexicografia;
- expansão da atividade editorial com destaque para a imprensa periódica;
- democratização da escrita e da leitura.

Factos da história interna da língua:

- Vantagem da narração e descrição sobre a oratória, na memória literária;
- predomínio da parataxe, na sintaxe da língua escrita, em desfavor da hipotaxe;
- desenvolvimento dos sistemas derivacionais;
- acelerada expansão da memória lexical;
- crescente pressão normativa e normalizadora.

Em relação à obra filológica de Frei Francisco de S. Luís, poderemos reter em particular o seu relevante contributo, no conjunto da elaboração lexicográfica e na doutrinação e esclarecimento das referências normativas e do padrão linguístico.
No final do século XVIII publicaram-se algumas dezenas de textos dicionarísticos, e o dicionário começou a aparecer como um título abundante, quotidiano. Surge o primeiro dicionário moderno, prático, de francês-português (Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo, 1769) e o primeiro dicionário moderno monolingue da língua portuguesa (António de Morais Silva, 1789). A lexicografia bilingue e monolingue intensificou-se de modo surpreendente, e tornou-se de uso mais funcional. Logo no início do século XIX, publicou-se um dicionário prático (*Novo dicionario da língua portuguesa*, 1806), fácil de usar e manusear, e de preço certamente mais acessível do que o dos grandes volumes até então publicados. Generalizam-se, a partir da segunda década os dicionários de bolso, populares e utilitários, impressos, na sua maior parte, em França, sobretudo em Paris, onde se instala o mais importante centro de produção tipográfica da lexicografia portuguesa.
A promoção dos clássicos, a valorização dos estudos linguísticos, e um cultivado esforço de normalização do uso da língua encontraram uma instância privilegiada na Academia Real das Ciências. Nela se reuniu um escol notável de filólogos, estudiosos e criativos. A Academia incrementou uma prestimosa política da língua e da recuperação da memória literária, abrindo sucessivos concursos sobre questões metalinguísticas e promovendo a sua diligente publicação.

> ***"Em todo o caso, o discurso da moralidade linguística é, na obra do Cardeal Saraiva, muito menos importante do que a mensagem apologética da formosura e do amor da língua."***

11.

A obra do nosso autor, em grande medida estimulada por interação da Academia, responde às urgências de dicionarização da língua e de regularização do uso.
Frei Francisco de S. Luís Saraiva impõe-se como um patrono da língua. A autoridade, como fruto

de muito estudo, é-lhe preiteada e garantida pelos seus contemporâneos, que facilmente acatam a justificada superioridade do seu saber. E de facto, há muita informação erudita, percorrida indagação, estudo e beneditino labor, no seu discurso metalinguístico. Mas, como já notámos, viveu e escreveu antes da grande atualização das ciências da linguagem.

Procurou a sua fundamentação científica na "Gramática Filosófica", frequentemente invocada nos seus escritos, mas pouco dúctil, na sua abstração racional, para aceitar a contingência factual e histórica da língua.

Por outro lado, confrontado com a crescente democratização da escrita e a forte interação popular no alargamento do acesso à palavra, julgou seu dever defender o que julgava ser a aristocracia da língua, a memória literária, a lição dos bons autores clássicos. Tinha boas razões. Na verdade, sem deixar de ser um lugar de encontro de inteligências e de vontades livres, a língua é um lugar propício para cultivar ideais de perfeição e para desejar a excelência a que o nosso autor nunca deixou de aspirar.

Em todo o caso, o discurso da moralidade linguística é, na obra do Cardeal Saraiva, muito menos importante do que a mensagem apologética da formosura e do amor da língua. Como contemporâneo do grande sábio Humboldt, que afirmou que a língua era uma pátria, também Frei Francisco compreendeu que a língua era a expressão e o repositório do génio de um povo. Tantas vezes que ele fala do "génio da língua"! Ninguém como ele cultivou, no seu tempo, a grande tradição humanista da "defesa, ilustração e louvor" da língua. E bem podemos dizer que lutou com boas armas, por esse ideal de enobrecimento e verdadeiramente de *defesa* do pátrio idioma: defesa dos barbarismos pela catalogação "das palavras e frases da língua franceza, que por descuido, ignorância, ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna"; defesa da "propriedade" ou "clareza", promovendo o esclarecimento da aceção e a distinção dos traços semânticos entre formas próximas, nos aglomerados sinonímicos ou onomaseológicos.

A proclamação da "defesa, ilustração e louvor", tal como o discurso da moralidade linguística, prolongaram-se pelos tempos, e ainda hoje sobrevivem na oratória política, e na maior parte do discurso prudencial do falatório mediático, mas muito menos ilustrados do que no tempo de S. Luís.

Frei Francisco de S. Luís Saraiva foi um ilustre e competente filólogo, no seu tempo. Faltou-lhe a informação da gramática comparada e os instrumentos de análise das leis fonéticas que fundamentaram a romanística moderna. Mas nem por isso lhe podemos assacar desmerecimento por falta de honesto estudo ou desamparo da inteligência.

A produção filológica não é certamente a parte mais qualificada da sua obra, mas o gosto pela palavra, o estudo e a valorização

do património textual português, os exemplos de leitura crítica, e sobretudo o grande compromisso com o estudo do vocabulário, o esclarecimento semântico e a facilitação do uso, em suma, o compromisso com a cidadania linguística, seriam suficientes para merecer o nosso louvor e justificar esta homenagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [ANDRADE, Francisco Martins de; SEIXAS, João Nepomuceno de], 1844: *Opusculo ácerca da origem da lingua portigueza composto e dedicado ao excellentissimo Senhor Conselheiro João Baptista d' Almeida Garrett por dois socios do Conservatorio Real de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional.

- ARAÚJO, José Maria Xavier de, 1846: *Revelações e memórias para a história da revolução de 24 de Agosto de 1820, e de 15 de Septembro do mesmo anno*. (Com a epigraphe: "Et quorum pars fui"). Lisboa: na Typographia Rollandiana.

- ARNAULD, Antoine / LANCELOT, Claude, 1660: *Grammaire générale et raisonnée*. Paris: Chez Pierre Le Petit, Imprimeur & Libraire du Roy.

- BAIÃO, António, 1928: *O Cardeal Saraiva como Guarda-mór da Torre do Tombo. Separata de Anais das Bibliotecas e Arquivos*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

- [CAMPOS, Francisco António de, barão de Vila Nova de Foz Coa], 1843: *A lingua portugueza é filha da latina, ou refutação da memoria em que o senhor Patriarcha Eleito, D. Francisco de S. Luiz nega esta filiação*. Lisboa:Typographia de M. J. Coelho.

- CARDOSO, António M. de Barros, 1995: *Ler na livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva*. Ponte de Lima: Câmara Municipal.

- DIEZ, Friedrich Christian, 1836-1843: *Grammatik der romanischen Sprachen*. 3 vols. Ed. integral: Bonn: E. Weber's, 1882.

- FERREIRA, António, s. d.: *O Cardeal Saraiva: (Um grando limiano)*. Porto: Domingos Barreira.

- FORJAZ, A.[ntónio] Pereira, 1966: "Um príncipe da Igreja na Presidência da Academia: D. Fr. Francisco de S. Luís (1766-1966)". Em *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. 9, p. 89-99.

- FREIRE, Francisco José, 1842: *Reflexões sobre a lingua portugueza*. Parte Primeira. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

- GARRETT, Almeida, 1966: *Obras*. [*Viagens na Minha Terra*, 1846]. Porto: Lello e Irmãos, vol. I, p. 3-207; [*Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*, 1826]. Ibid., p. 477-512; [*Carta aos autores do opúsculo acerca da origem da língua portuguesa, composto e dedicado ao Exm.º Sr. Conselheiro J. B. de Almeida Garrett, por dois sócios do Conservatório Real de Lisboa*, 1844]. Ibid., p. 513-517.

- KEMMLER, Rolf / ASSUNÇÃO, Carlos / FERNANDES, Gonçalo, 2009: "Subsídios para o estudo das Gramáticas Filosóficas de Jerónimo Soares Barbosa (1737 - 1816)". Em Domínios de Lingu@gem 6 (ano 3, n.º 2), p. 202 - 223. Revista em linha disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11514/6794 (consultado em 20 de dezembro de 2012).

- MENESES, António Caminha e, marquês de Resende), 1864: *Memória Histórica de D. Fr. Francisco de S. Luiz Saraiva, acompanhada de notas e peças justificativas*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Sciencias.

- PERES, Maria Madalena Martins de Araújo, 2005: *Caminhos da modernidade no Cardeal Saraiva: a via rousseauniana*. Braga. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho ,

- PORTUGAL, João da Cunha Neves e Carvalho, 1872: "Notícia Necrológica do Eminentissímo Cardeal Saraiva, Patriarcha de Lisboa". Em SARAIVA, *Obras Completas*, tomo I, p. XV-XXI.

- RIBEIRO, José Silvestre, 1853: *Primeiros traços duma resenha da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, t. I (e único publicado).

- RIBEIRO, José Silvestre, 1889: *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos successsivos reinados da monarchia*. Lisboa: Academia Real das Sciências, vol. XVI.

- RODRIGUES, A. A. Gonçalves, 1992: *A tradução em Portugal: tentativa de resenha cronológica das traduções em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, I volume (1495-1834).

- SANTOS, António Ribeiro dos, 1814: *Das origens e progressos da poesia portugueza. Em Memorias de Litteratura Portugueza publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Tomo VIII, parte II, Lisboa: na Officina da mesma Academia, p. 233-251.

- SARAIVA, Frei Francisco de S. Luís, Cardeal, 1872-1883: *Obras completas*. Introdução do marquês de Resende; edição literária de António Correia Caldeira. Lisboa: Imprensa Nacional, 10 tomos: I,1872, II, 1873, III, 1874, IV,1875, V, 1875, VI, 1876, VII, 1877, VIII, 1878, IX, 1880, X, 1883-1883.

- SCHÄFER-PRIEß, Barbara, 2000: *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822: Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie; Band 300).

- SCHÄFER-PRIEß, Barbara, 2004: "Zur 'Keltomanie' in Portugal". Em Noll, Volker / Thiele, Sylvia (eds.), *Sprachkontakte in der Romania*. Zum 75. Geburtstag von Gustav Ineichen. Tübingen: Niemeyer, p. 249-257.

- SCHÄFER-PRIEß, Barbara, 2010: "Os primeiros dicionários de galicismos na Península Ibérica: O *Glossário* de Francisco de S. Luís de 1816 e o *Diccionario de galicismos* de Rafael María Baralt de 1855". Em ASSUNÇÃO, Carlos / FERNANDES, Gonçalo / LOUREIRO, Marlene (eds.), *Ideias Linguísticas na Península Ibérica* (séc. XV a séc. XIX), II, p. 805-812.

- SILVA, José Alberto Teixeira Rebelo da, 2015: *A Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1834): ciências e hibridismo numa periferia europeia*;. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.

- SINNER, Carsten, 2009: "De Duarte Nunes de Leão à polémica sobre a origem da língua portuguesa no século XIX". Em *Revista Lingüística*, vol. 22, p. 81-108.

- VERDELHO, Evelina, 1981: *Lexicografia sinonímica portuguesa: o "Vocabulario de Synonimos, e Phrases", de Rafael Bluteau, e o "Ensayo sobre alguns synonymos", do Cardeal Saraiva*. Sep. de *Biblos*, LVII, p. 200-220.